



BOLETIM DA UNIÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO ESPÍRITO SANTO
N.º 198 JULHO A SETEMBRO 2020

Redação e Correspondência:

A. Carvalheira-UNIASES
Apartado 1098
4710-908 BRAGA
Tel. 253 951 257
ases@portugalmail.pt

Direção e Redação:

Alberto Ribeiro de Melo

Administração e Composição:

Francisco Cunha Pinto

Revisão:

José Gomes Ferraz

Propriedade:

União AA do Espírito Santo

Distribuição:

ASES

Periodicidade: Trimestral

Reg. ICS N.º 112314

Tiragem:

1630 Exemplares

Assinatura Anual: 5,00 €

Design e Impressão:

Tadinense - Artes Gráficas
www.tiptadinense.pt

EDITORIAL

AS DUAS PANDEMIAS

O mundo continua a viver a diversos ritmos, segundo o impacto atual da covid. Há áreas geográficas ainda ao rubro, com milhares de contaminações diárias, ausência de resposta adequada pelos sistemas de saúde e muitos mortos, para além das consequências brutais a nível da economia. Noutros quadrantes da terra, já se respira melhor e isso nota-se com o levantar de quarentenas e a livre circulação e aglomeração das pessoas, muitas delas em ambiente de férias, sobretudo na Europa.

Mas – como gritava há tempos o Papa Francisco da sua janela para a praça de S. Pedro e para o mundo – a pandemia está longe de resolvida e não vale fazer festa antes do fim do jogo. A 19 de Agosto, na audiência, o Papa alertou para a dupla pandemia que vivemos. Disse: 'A pandemia acentuou a difícil situação dos pobres e o grande desequilíbrio que reina no mundo. E o vírus, sem excluir ninguém, encontrou grandes desigualdades e discriminações no seu caminho devastador. E aumentou-as!'

Sim, é cada vez mais clara esta realidade: 'Portanto, a resposta à pandemia é dupla. Por um lado, é essencial encontrar uma cura para um pequeno, mas terrível vírus que põe o mundo inteiro de joelhos. Por outro, devemos curar um grande vírus, o da injustiça social, da desigualdade de oportunidades, da marginalização e da falta de proteção dos mais débeis. Nesta dupla resposta de cura há uma escolha que, segundo o Evangelho, não pode faltar: é a opção preferencial pelos pobres (cf. EG 195). E esta não é uma opção política; nem sequer uma opção ideológica, uma opção de partidos. A opção preferencial pelos pobres está no centro do Evangelho. E quem a fez primeiro foi Jesus; Ele, sendo rico, fez-se pobre para nos enriquecer. Fez-se um de nós e por isso, no centro do Evangelho, no centro do anúncio de Jesus, há esta opção'.

O essencial do Cristianismo e da humanidade joga-se aqui. Não seremos pessoas dignas de tal nome se os tempos de crise não refinarem a nossa capacidade de amar

e partilhar, reforçando a sensibilidade e atenção aos que caem nas margens ou são atirados para as periferias. O Papa Francisco é muito claro a este propósito: 'Por esta razão, os seguidores de Jesus reconhecem-se pela sua proximidade aos pobres, aos pequeninos, aos doentes, aos presos, aos excluídos, aos esquecidos, a quantos não têm comida nem roupa (Mt 25,31-36). Podemos ler aquele famoso parâmetro sobre o qual todos seremos julgados. É Mateus, capítulo 25. Este é um critério-chave de autenticidade cristã (Gálatas - Gl 2,10; Evangelii Gaudium - EG,195). Além das ajudas de urgência, tão necessárias em tempos críticos, os cristãos têm de forçar os seus governantes a mudar leis e práticas que renovem estruturas. Diz o Papa: 'Partilhar com os pobres significa enriquecer-se uns aos outros. E se existem estruturas sociais doentes que lhes impedem de sonhar com o futuro, devemos trabalhar em conjunto para as curar, para as mudar (EG,195). A isto conduz o amor de Cristo, que nos amou até ao extremo (Jo 13,1) e chega inclusive aos confins, às margens, às fronteiras existenciais. Trazer as periferias para o centro significa centrar as nossas vidas em Cristo'.

A pandemia ainda condiciona a vida das pessoas em praticamente todo o mundo. E ninguém sabe como vai terminar este filme. Muitos desejam o regresso à velha normalidade, o que não é possível nem desejável, pois devemos querer sempre mais e melhor. Termino com as sábias palavras do Papa: 'A pandemia é uma crise e não se sai iguais de uma crise: ou saímos melhores ou saímos piores. Nós deveríamos sair melhores, para resolver as injustiças sociais e a degradação ambiental. Hoje temos uma oportunidade de construir algo diferente. Por exemplo, podemos fazer crescer uma economia de desenvolvimento integral dos pobres. Se o vírus se voltar a intensificar num mundo injusto em relação aos pobres e aos vulneráveis, devemos mudar este mundo'.

P. Tony Neves

NOTÍCIAS DA CONGREGAÇÃO

CAME

A pandemia obrigou à mudança de programas e à revisão de rotinas. Com o “confinamento”, ao nível da família espiritana, diversas atividades tiveram que ser desmarcadas, outras, porém, se concretizaram, de um outro modo, através dos meios digitais, via internet. Foi possível realizarem-se numerosas reuniões com a participação de bastantes elementos, por vezes, mais ainda do que nas reuniões presenciais como sucedeu com o CAME (Coordenação da Ação Missionária Espiritana) e do qual destacamos a reunião digital on line, sobre a plataforma **ZOOM** no dia 6 de junho.

Nesta sessão a qualidade de anfitrião foi assumida pelo P Eduardo Miranda, (Coordenador do CAME) sendo presentes o P. Pedro Fernandes, (Provincial), P Hugo Ventura e P. Vítor Silva, (Administração) e com a “presença” da maioria dos movimentos da Família Espiritana ou na sua representação, destacando-se o Lar Anima Una que nela tomou assento pela primeira vez. (A UNIASES, nestes moldes, compareceu pela primeira vez, apesar dos condicionalismos/constrangi-



mentos e o ineditismo da situação sentidos pelo seu representante).

Entre os pontos tratados na agenda destacamos: o novo figurino a adotar na Peregrinação a Fátima da Família Espiritana. A participação foi alargada a todos os grupos/movimentos na elaboração de um propositado vídeo ao qual se pôde aceder ‘on line’ através do canal You Tube, no site www.espiritanos.pt. A gestão e a organização ficou a cargo do CESM. Os Magustos Missionários irão realizar-se, se tal for possível, por zonas e não sectorialmente. Para a zona Sul, na Torre d’Aguilha, está reservado o dia 8 de novembro. Na zona Norte, a Casa da Silva – CESM, no dia 15 de novembro, será palco do encontro.

Encontro de Formação para Lideranças, marcado para a Torre d’Aguilha, de 5 a 6 de dezembro, caso a pandemia não venha estragar os planos. Os ASES têm lugar para três presenças (aceitam-se candidaturas).

As VI Jornadas de Espiritualidade Espiritana, com o motivo dos 100 anos da ereção canónica da Província, estão apontadas para 27 e 28 de fevereiro de 2021, em Fátima, estando dependentes das datas do XXI Capítulo Geral do Conselho Provincial Alargado (CPA) de Portugal.

O Jornal Ação Missionária está a ser projetado num novo e atraente formato, mais ao estilo de uma revista, e a sua assinatura anual passará a ser de 10,00€.

Próxima reunião agendada para 24 de outubro, dentro dos moldes possíveis e dentro do contexto sanitário que a pandemia proporcionar.

NOMEAÇÕES

Nas reuniões de maio e junho o Conselho Provincial fez a avaliação e a programação possível para o próximo ano, tendo aproveitado a ocasião para uma revisão da composição comunitária das várias comunidades espiritanas, tendo-se procedido às seguintes nomeações:

P. António Marques de Sousa: da comunidade de Mértola para a comunidade de Coimbra, como animador missionário para a diocese de Leiria e para a região da Beira interior (excluindo a diocese de Coimbra), cuja missão terá início a partir de 10 de outubro.

P. Alfredo Mavinga: espiritano angolano, para a comunidade de Mértola, sendo pároco das dez paróquias assumidas pela Congregação, sendo ratificada por D. João Marques, Bispo de Beja, a sua nomeação como Pároco dessas paróquias, a partir de setembro.

P. Eduardo Osório: nomeado para a comunidade de Mértola, como vigário paroquial, a partir de setembro.

P. Vincent Ntrie-Akpabi: espiritano originário do Gana, nomeado para a comunidade do Porto, como ecónomo e como formador adjunto, a partir de 8 de setembro.

P. Adélio Cunha Fonte: nomeado para a comunidade da Silva, a partir de 8 de setembro, onde colaborará nos compromissos pastorais da comunidade.

P. José Carlos Coutinho: nomeado para a comunidade da Silva, a partir da qual prosseguirá o seu trabalho de animador missionário para a diocese de Viana do Castelo. Deixará Viana do Castelo também a 8 de setembro.

Ir. Salvador: nomeado para a comunidade da Silva, onde colaborará nas atividades do CESM e da comunidade.

P. Altino Cepeda: nomeado para a comunidade do Fraião, onde se encontra a residir no Lar Anima Una.

P. Andrew Prince Fofie-Nimoh: espiritano de nacionalidade ganesa, nomeado, por três anos, como superior da comunidade da Torre d’Aguilha, cujo mandato se iniciou em 1 de setembro.

P. Miguel Ribeiro: a seu pedido, e após diálogo e discernimento conjunto, foi autorizado a residir fora da comunidade espiritana, por um ano, a partir de 1 de setembro de 2020. Ficando dispensado do serviço de superior da comunidade, continuará a desempenhar o múnus de pároco na paróquia da Abóboda e residirá na pequena residência paroquial de que aquela paróquia dispõe.

P. Agostinho Ribeiro Loureiro, natural de Vilar de Frades/Barcelos, missionário no Chinguar, Província do Bié/Angola, por motivos de saúde, foi incorporado na comunidade do Fraião, sendo hospitalizado em Braga para tratamentos e exames que confirmaram um cancro nos ossos, infelizmente bastante metastático, merecendo atenção o seu estado de saúde.

SEMINÁRIO DE VIANA DO CASTELO

A partir de setembro, a casa de Viana do Castelo estará encerrada para início de obras de restauro e remodelação. Até à conclusão das mesmas medeia um espaço de tempo necessário para discernimento da continuidade da presença de uma comunidade espiritana residente dentro da diocese de Viana: reabri-la noutro formato e noutro espaço ou manter a presença missionária e a assistência aos grupos da

LIAM, com tanto ou ainda mais empenho, mas a partir da comunidade da Silva.

Nota da redação: Esperamos não fechar o ciclo das comemorações das Bodas de Ouro de quem por lá passou em tempos de Formação. Anos de 1970 a 1979. Não será a mesma coisa, é certo. No entanto, tudo providenciaremos para levar a efeito esses importantes encontros jubilares, noutros moldes, mas o primordial ficará.

NOTÍCIAS DA UASP

ATIVIDADES 2020/2021

ADIAMENTO DA VI ETAPA POR MARES DANTES NAVEGADOS

Dado o contexto sanitário em que vivemos e ponderadas as variáveis do problema criado pela Pandemia, aqui e em Moçambique, a Direção da UASP decidiu adiar a visita missionária a Moçambique para Julho do próximo ano e nos mesmos dias (5 a 17 de Julho de 2021), se as condições de saúde pública o permitirem.

Deste modo ficam não só salvaguardadas as condições de saúde de quem vai em missão como também a situação e os possíveis constrangimentos de quem nos vai acolher e das comunidades e projetos que iremos visitar. A grande maioria do grupo mantém-se, contudo, por motivos de força maior, alguns tiveram de desistir, pelo que, se alguém quiser integrar o projeto, ainda o poderá fazer.

Alojamento nas instalações dos Missionários da Consolata. Custo por pessoa, tudo incluído: 1.800€ (estimativa)

JORNADAS CULTURAIS

Estavam calendarizadas de 4 a 6 de setembro de 2020, no Vale do Ave e Guimarães, sob o título: "Ora et Labora" com organização da Associação dos AA Combonianos.

Dado o contexto sanitário em que vivemos e a incerteza dos tempos mais próximos, a Direção da UASP, tendo consultado a organização local das Jornadas, decidiu adiar as mesmas para Setembro do próximo ano, se as condições de saúde pública o permitirem.

Sendo as Jornadas um tempo de alegre e fraterno convívio, as restrições impostas pela pandemia iriam criar entre todos os participantes enormes constrangimentos, pelo que se optou pelo seu cancelamento.

SESSÃO DE ESTUDO

Título: "Pela Bíblia, Deus conversa connosco"

Organização: UASP

Data: 28 de Novembro de 2020, da parte da manhã

Local: Capuchinhos - Fátima

Tendo o Papa Francisco instituído o Domingo da Palavra de Deus para promover uma maior familiaridade dos católicos com a Bíblia, propomos-nos organizar uma sessão de estudo, na manhã da Assembleia de Outono 2020, sobre as traduções da Bíblia para português. Do Programa salientamos:

09h30 – Acolhimento

10h00 – Introdução, por P. Armindo Janeiro

10h15 – As traduções da Bíblia para português, por Frei Herculano Alves, Capuchinho

11h00 – Diálogo

11h15 – Pausa

11h45 – A Pastoral bíblica dos Padres Capuchinhos, por Frei Lopes Morgado, Capuchinho

12h30 – Diálogo

13h00 – Almoço

Fazendo parte do primitivo Plano de Atividades para 2020, pelos motivos de todos conhecidos e de possíveis constrangimentos, ficará sujeita a confirmação e/ou alteração.

ASSEMBLEIA GERAL DO OUTONO

Pelos mesmos motivos acima referidos. A seu tempo daremos conhecimento.

A Assembleia Geral da apresentação do Plano de Atividades e Orçamento para 2021 será no dia 28 de Novembro (sábado) de 2020, mas poderá ser alterada.

Data: 28 de Novembro de 2020

Hora: 14:30

Local: Capuchinhos – Fátima

PAGAMENTO DE QUOTAS E OUTROS ATOS DE TESOURARIA

Efectuar Transferência para :

PT50 0035 2008 0003 8874 93035

Não esquecer: Indicar no Descritivo: Nome completo ou nº de Ás

Ou Depósito na conta (numa Agência da CGD):

Nº 2008038874930

LUSOFONIAS

Tony Neves

OS GRITOS DE CABO DELGADO



O norte de Moçambique está a ferro e fogo. É uma catástrofe sem fim à vista, que se vem abatendo já há algum tempo sobre populações indefesas e que ninguém parece querer defender. Ninguém, não é verdade, pois há nomes grandes nesta denúncia da situação e num anúncio de tempos melhores. Refiro-me, sobretudo a D. Luiz Fernando Lisboa, o corajoso Bispo de Pemba, que tem sido a voz mais amplificada, a partir das aldeias e vilas daquele norte invadido por forças que se atribuem ao autoproclamado Estado Islâmico que mais não têm feito, por onde passam, que matar, destruir, raptar e queimar, semeando o pânico. Certamente que este Bispo tem a cabeça a prêmio pelas intervenções corajosas, no terreno e pelos mass media, fazendo ecoar os seus gritos pelo mundo inteiro.

Os Bispos de Moçambique, reunidos em Assembleia, denunciam 'o recrudescimento dos ataques no norte do país' e mostraram uma comunhão total com as populações de Cabo Delgado. Neste Comunicado Final, a 13 de junho, os Bispos deploram 'os atos de barbárie' ali praticados. Também enviaram uma carta às populações de Cabo Delgado, elogiando a missão do Bispo, D. Luiz, que tem sido 'a voz do Pastor que alerta sobre a presença de lobos que põem em perigo o rebanho'...e 'é o grande promotor de uma resposta urgente a esta tragédia'.

Felizmente, os *mass media* portugueses têm amplificado estas vozes de

denúncia da tragédia vivida por um povo pobre que, nesta altura, anda por aí à deriva e à fome, sendo já alguns milhares os deslocados, em Pemba, Nacala e Nampula, segundo notícias fidedignas que me chegam daquelas paragens. É importante não dar descanso mediático a estes senhores da violência e da morte, com as suas agendas escondidas. Dizem alguns analistas que este grupo fundamentalista armado vem atrás do gás que é riqueza a explorar naquele norte de

Moçambique. E, pelo que se vai sabendo, há autoridades locais coniventes, a fazer o jogo destes bandos armados, contrariando as políticas oficiais do governo moçambicano.

O Papa Francisco tem multiplicado apelos pela Paz naquela região, tendo já citado este caso particular numa das suas intervenções públicas no Vaticano. Agora foi a vez de António Guterres, Secretário-Geral da ONU, falar com o presidente de Moçambique para estudar formas de resolver a situação ou, pelo menos, minorar os efeitos dramáticos destes ataques, apoiando as populações em fuga.

O símbolo mais terrível dos ataques destes bandos armados é a povoação de Macomia que foi totalmente destruída, tendo parte da população conseguido fugir. Os conventos das Irmãs Carmelitas e dos Beneditinos também foram atacados, podendo os Religiosos fugir a tempo, antes de serem maltratados. Igualmente de arrepiar são as descrições do massacre feito em abril na aldeia de Xitati, onde foram mortos 52 jovens e boa parte dos moradores torturados. Segundo testemunhas, os grupos armados queriam recrutar jovens para as suas fileiras e decapitaram ou mataram aqueles que tentaram resistir. Jovens de Cabo Delgado acabariam por escrever uma carta aberta ao presidente da República, fazendo denúncias muito graves sobre a situação.

A vida destes moçambicanos do norte já estava complicada há muitos anos.

Primeiro, pela guerra civil; depois pela pobreza e abandono a que sempre foram votados pelo governo central; a cólera tem feito muitas vítimas; no ano passado, veio o furacão Keneth que quase tudo levou; e, nos últimos anos, estes grupos armados; finalmente, os ataques da covid-19, ainda com resultados difíceis de calcular! São muitos dramas juntos...

Acompanho de perto, com preocupação e dor, o que ali se passa, através dos Espiritanos que vivem em Missões nas Dioceses vizinhas de Nampula e Nacala que estão a receber deslocados e a viver nestes contextos de grande instabilidade. As conversas que vou mantendo com eles mostram a sua dedicação total ao povo, mas muita incapacidade de resolver os problemas dramáticos que vitima estas populações indefesas. O P. Alberto Tchindemba, Superior dos Espiritanos de Moçambique, faz parte de uma equipa missionária que o Arcebispo de Nampula nomeou para apoiar os deslocados que chegam a esta capital de Província e engrossam as já grandes famílias, bem como aumentam os problemas acrescentados pela chegada da covid-19. Confessa que as distribuições de bens de primeira necessidade nunca chegam para todos os necessitados e teme que a pandemia se aproveite destes ajuntamentos familiares enormes para multiplicar contágios e semear morte, sobretudo nas imensas e pobres periferias desta grande cidade. O Instituto Nacional de Gestão de Calamidades publicou o número oficial de deslocados que chegaram à Província de Nampula: ao todo, 2228, espalhados por sete distritos! Também na Diocese de Nacala, o Secretariado de Pastoral, coordenado pelo P. Raul Viana, está a trabalhar neste apoio aos deslocados. Não podemos cruzar os braços. Temos que gritar alto contra estas violações frontais dos direitos humanos. E mais: temos de ser solidários e partilhar o que temos para que estes pobres sobrevivam e abram caminhos de esperança rumo a um futuro de paz e de justiça.

(In Facebook)

ESCAPARATE

Com esta rubrica “ESCAPARATE” propomo-nos dar conhecimento das obras/livros que foram editados fora da plataforma MAAES e que de algum modo têm algo a ver connosco: ou porque os seus autores são Antigos Alunos UNIASES ou porque os seus conteúdos têm em comum vivências que nos tocam e marcaram.

Hoje trazemos dois autores: Pedro Moya, Antigo Aluno do Espírito Santo, de nacionalidade espanhola, que frequentou o Noviciado na Silva no ano de 1962/63 e os dois seguintes na Filosofia na Torre d’Aguilha e Américo Vinhais, transmontano de Mós/Torre de Moncorvo, Antigo Aluno Carmelita, aluno no Seminário Carmelita da Falperra, de 1960 a 1966.

MAYO, AMOR ROJO

Pedro Moya Campos



Traduzindo à letra Maio, Amor vermelho descreve situações da recente história de Espanha – percorrendo Paris, Lisboa e Madrid, a que não são alheios os acontecimentos de

maio de 1968 (revolução estudantil e operária) em França, em 1974 (revolução dos Cravos) em Portugal e em 2011 (15-

M – revolução dos Indignados) em Espanha – é, sobretudo, um romance de amor sincero, intenso e profundo. O protagonista debate-se entre o amor de duas mulheres a quem ama veementemente e pelas mesmas se sabe correspondido com idêntica intensidade.

Tanto em Paris como em Madrid, os avatares que o envolvem não o impedirão de viver e desfrutar do amor. Tão pouco em Lisboa.

Por ocasião e motivo do 15-M da Porta do Sol voltará a encontrar-se com o seu grande amor parisiense.

Definitivamente é uma novela viva que capta por inteiro o leitor na recente história de Espanha – desde o Maio francês

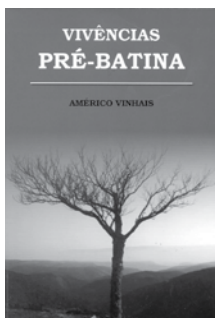
de 1968 até ao 15-M de 2011 – através de duas histórias de amor.

Estamos perante uma narrativa na qual o leitor se embrenha e envolverá inevitavelmente. Viagens, vivências, história, ação, ternura, os ingredientes desta obra bem conseguida são colocados à disposição dos paladares mais exigentes, para além de um hipotético debate social ao longo da sua leitura, conduzindo o leitor a uma reflexão séria e mais cuidada onde se misturam emoções e sentimentos como o amor e a empatia social e confrontam conflitos geracionais.

(Edição do Autor, Madrid, Fevereiro de 2018)

VIVÊNCIAS PRÉ-BATINA

Américo Vinhais



Essencialmente um livro que relata os acontecimentos vividos no (num) seminário até à tomada de hábito (batina) com a emissão de votos. No seminário carmelita da Falperra tal

como, hipoteticamente, num outro de cariz marcadamente religioso. O autor (protagonista) leva consigo a sua história de vida particular, mas arrasta consigo toda uma classe de anónimos seminaristas vi-

vendo similares passos já que inseridos na mesma engrenagem.

Entre 1960 ou no ano anterior os relatos descritos sucedem-se ordenados no tempo: desde os exames finais da instrução primária e do modo de recrutamento para o seminário (Carmelita) até à sua exclusão em 1966, com o último ano do segundo ciclo inacabado.

Não se compara com a taciturna Manhã Sombria de Vergílio Ferreira que refere o seminário como uma representação fantasmagórica e angustiante. Pelo contrário, Américo Vinhais, neste livro de memórias suplanta esse âmbito doentio.

«Uma denúncia bem-humorada das condições de vida de grande parte dos seminaristas, bem como de um certo tipo de violência exercida sobre alunos, mulheres e crianças enfermas, distingue-se pela singeleza com

que, nesta época de ditadura do politicamente correto, se admite a natural divisão de tarefas entre o género feminino e masculino. (...) A efabulação desaparece destas páginas, tal a singeleza do registo contido nas mesmas. Trata-se de uma chama pura de anelo, mas sem que o desejo concretizado se anteponha à vivência plena de tal ensejo, algo de raríssima ocorrência nesta era de anseios satisfeitos de imediato.

(...) Viaja-se muito, mas não mais se envereda por viagens como as do seminário a Mós ou as dos primos entre aldeias para ir assistir ao bailarico.» (Sara Timóteo, na data do lançamento do livro).

(Edição do Autor, Diário do Minho, Outubro de 2019)

facebook

Pede adesão ao nosso grupo

UNIASES - União dos Antigos Alunos do Espírito
Informando: nome completo, ano de entrada e e-mail.

BOLETIM UNIASES VIA INTERNET

Enviar e-mail para:

ases@portugalmail.pt ou
cunhapintobraga@sapo.pt

NÓS, ASES, ENTRAMOS NESTA HISTÓRIA

José Teixeira da Rocha – G65



Quando pesquisava sobre Colégios do Porto encontrei escrita esta afirmação: «em 1894, estava no Largo do Mirante (hoje Largo do Coronel Pacheco), o Colégio de Santa Maria, que teve como modelo de funcionamento o Colégio do Espírito Santo, em Braga, fundado pela Congregação do Espírito Santo, que tinha chegado à cidade do Porto em 1886 e, na Formiga, em Ermesinde, tinha, naquele mesmo ano, aberto o seu colégio».

Isto chamou-me a atenção, encheu o meu ego de orgulho e despertou em mim a curiosidade por tentar saber mais sobre o muito pouco que sabia, ou ainda me lembrava, sobre a história dos colégios / seminários (não a história da Congregação) onde estudámos e onde recebemos uma reconhecida formação.

Curiosa era a publicidade ao Colégio de Santa Maria, publicada em 1910, que referia ser «local elevado e saudável, jardins, educação completa, amplos salões, arejados dormitórios, balneário e gymnasio». O sucesso do seu ensino foi grande e, em 1913, passou a ser o Colégio Almeida Garrett até 1975.

Para este breve texto sobre as casas portuguesas do Espírito Santo socorri-me, entre outras fontes, da página oficial da Congregação do Espírito Santo e do magnífico livro História da Província Portuguesa, do P. Adélio Torres Neiva, de maio de 2005. ⁽¹⁾

A casa mãe da Congregação, em França, onde nasceu em 1703, já tinha intenção de abrir uma casa de formação de missionários em Portugal com o objetivo de cristianizar Angola. A política ultramarina da altura aceitava o projeto, mas impunha a condição de isso ser feito em português, preferencialmente por portugueses. Da intenção passaram à ação, mas por onde começar? Da ponderação da abertura de uma casa para recrutamento de vocações em Lisboa ou em Coimbra, apareceu Santarém com a oferta ao dinâmico P. Duparquet do já existente seminário patriarcal. E assim nasceu, no dia 3 de novembro de 1867, a primeira comunidade da Congregação do Espírito Santo em Portugal.

Embora este arranque tenha sido interrompido ao fim de três anos, em 1870, portanto, a retoma teve início logo em 1872, desta feita em Braga no Colégio de São Geraldo, com alunos internos e externos. Depois mudou o nome para Colégio do Espírito Santo com 12 alunos. Rapidamente a sua formação ganhou fama e, em 1875, já tinha 127 alunos, o que era um recorde em colégios em Portugal. Com esta crescente procura o Colégio conheceu outras instalações até se fixar, em 1878, num edifício construído de raiz na Quinta de São Vicente (freguesia de São Victor). Aqui recomeçou com 80 alunos, mas no ano letivo de 1909-1910 tinha 365

e nele trabalhavam 20 padres e 16 irmãos espiritanos. Este edifício, como sabemos, é o Liceu Nacional de Sá de Miranda (hoje Escola Secundária de Sá de Miranda, de Braga).

Este dinamismo continuou por outras terras do país, apesar de se viver um ambiente hostil, recorro a extinção das Ordens Religiosas desde 1834, daí se falar em colégios e não em seminários. Exemplos disso são os seguintes factos históricos: o Colégio de Santa Maria no Porto, em 1886, tema com que abri esta pequena crónica; a criação, em 1887, da Escola Agrícola em Sintra; em 1890, o Seminário de Filosofia e Teologia, transferido para Carnide em 1908; em 1892, o Instituto Fisher (Ponta Delgada - Açores), Colégio da Formiga (Ermesinde) e nesse mesmo ano, a Procuradoria das Missões em Lisboa, que em 1905 mudou para a Rua de Santo Amaro, à Estrela, onde ainda hoje se encontra; em 1894, o Colégio da Formiga do Espírito Santo, em Ermesinde, nas instalações de um Convento do princípio do século XVIII que foi doado, em 1745, à Congregação dos Eremitas Descalços de Santo Agostinho (também conhecidos por Grilos), pelo seu proprietário (Quinta da Mão Poderosa). Este velho edifício ainda existe e a igreja que se vê na foto é a bem conhecida Igreja de Santa Rita (de Cássia). A história deste edificado, que chegou a funcionar como Hospital no «Cerro do Porto» (1832-1833) pelas tropas de D. Miguel, é muito interessante, desde logo pela origem do nome «Formiga». Os alunos usavam um emblema com o desenho de uma formiga e o seguinte texto em latim, retirado do Livro dos Provérbios do Antigo Testamento «Vade ad formicam, o piger, et considera vias eius, et discite sapientiam» (Vai ver a formiga, se te sentes preguiçoso, observa o seu proceder e torna-te sábio).

Em 1910, com a República, voltam a ser proibidas as Congregações religiosas e o Estado expropria-lhes todos os seus bens. Foi o caso, entre outros, do Colégio de Braga, que acabou transformado no Liceu Nacional de Sá de Miranda.

Contudo, com a força do Espírito Santo e animada por «cor unum et anima una», a Congregação renasceu em Portugal, em 1919, com o padre Moisés Alves de Pinho (1883-1980), que viria a ser bispo de Angola e Congo, e, novamente, em Braga. Primeiro na Quinta do Charqueiro e depois, em 1927, em definitivo, na Quinta do Fraião.

Esta nova fase caracterizou-se por uma progressiva expansão, com abertura de novas comunidades, acompanhando o surgimento de cada vez mais novas vocações. Agora, em vez de colégios, serão casas de formação de futuros missionários, padres e irmãos.

Foi neste contexto que abriu Godim, em 1927, com os primeiros anos do liceu, depois de ter sido Seminário Maior em 1921, para seminaristas portugueses que estavam nas casas da Congregação em França, e este ter sido transferido, no ano seguinte, para Viana do

Castelo. Foi em Viana, em 1930, que foram ordenados os primeiros padres desta nova fase. Para vocações tardias abriu no Porto, em 1928, na Rua Nova do Regado, uma comunidade. De 1932 a 1941 funcionou na Guarda-Gare um seminário com os dois primeiros anos do ensino liceal.

O Noviciado surgiu no Fraião em 1934.

A Quinta da Torre da Aguilha, em Carcavelos, foi comprada em 1948 e foram transferidos de Viana do Castelo para aqui, a partir de 1952, os estudantes de Teologia. O novo e imponente edifício construído foi inaugurado em 1957.

Em 1956 abriu, também, Viana do Castelo com os dois primeiros anos do liceu, até 1984.

Em 1962 foi inaugurado o novo edifício do Seminário da Silva, Barcelos, para instalação do Noviciado e, a partir de 1971, recebeu os alunos do 3º ciclo do liceu.

A associação dos ASES (Antigos Seminaristas do Espírito Santo) existe desde 1958. É de alta qualidade e rigorosa formação que recebemos, reconhecida há mais de 120 anos, que nos vem esta força que nos une, nos torna solidários e cidadãos com valores.

⁽¹⁾ **Nota da Redação:** Recomenda-se também a leitura do livro LEVADOS POR UM SONHO, (Vida quotidiana e educação nos seminários espíritanos portugueses – 1919 a 1984) do Antigo Aluno António Luís Pinto da Costa, Edições UNIASES, Braga 2012, que dedica todo o Cap. II à Província Portuguesa (pág. 49 a 140), com um apontamento especial sobre os seus Antigos Alunos (pág. 120 a 149).

Em vários UNIASES vem relatada também parte dessa história. Vejam-se os n.ºs 145, pág. 10; 159,8; 163,10; 165, 15; 166, 6; 192,10 e 197,7.

ECOS DO UNIASES N.º. 197

Mais do que as loas tecidas em torno do N.º. 197 do nosso Boletim UNIASES, que humanamente nos ufanam, gostaríamos de ver uma atitude mais proativa dos nossos associados e leitores na elaboração e confeção do Boletim com textos/artigos e crítica construtiva. Todos nele cabem. Obrigado!

A Direção

Os meus sinceros parabéns a todos os colaboradores da UNIASES. O Boletim está cada vez mais atual e com melhorias a nível de textos e informações. Obrigado!

Artur Gonçalves de Oliveira – G 45

Li com muito agrado o último *Uniases*. Felicito todos quantos contribuíram para este belíssimo trabalho. Considero que este Boletim tem três qualidades que urge enaltecer: É generoso, é oportuno e é inspirador. Generoso pela quantidade e qualidade das notícias enviadas; Oportuno pela escolha dos temas abordados, face ao momento difícil que todos, sem exceção, atravessamos; Inspirador pelos apelos feitos aos cuidados e vigilância que todos devemos ter.

Um abraço de parabéns para todos (Redação e colaboradores incluídos).

Afonso Santos Pereira – G 46

Ainda não li bem todo o novo número do Uniases hoje recebido, mas devo confessar o choque pela morte do Maciel.

Joaquim Azevedo Moreira – S 55

Obrigado! Gostei do que li. Caiu-me cá dentro, de um modo muito especial, o que foi escrito sobre o Maciel.

Arnaldo da Fonte – G 61

Obrigado pelo envio do Boletim que li de fio-a-pavio e onde me vejo referido com graça. Muito bem, muito trabalho e só temos que agradecer.

José Costa Machado – G 64

Já o li de fio-a-pavio. Excelente. Parabéns à direção, equipa redatorial e colaboradores

Albano Martins de Sousa – V 67

Da leitura dos boletins, ficam momentos de recordação, saudade e agradecimento remetidos à minha infância, sempre com a promessa, até agora não cumprida, de voltar ao contato com os ainda companheiros nesta já longa jornada.

A fotografia enviada pelo José Júlio de Sousa Lourenço e publicada no Boletim 197 (Recordando o ano de 1970 em Godim), além de me ter enchido os olhos de lágrimas, despertou-me a necessidade de escrever estas palavras.

Graciano Joaquim Garcia – G 71

Obrigado por esta prova de vida, através do envio do Uniases que sempre devo de fio a pavio. E podem colocar sempre textos meus, são de todos.

P. António Manuel Santos Neves – F 85

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

...RESPOSTAS BREVES

Alberto Melo - Godim 1955

FACEBOOK / UNIASES

Congratulamo-nos com a grande adesão ao Grupo UNIASES no Facebook nestes últimos tempos. Queremos chegar mais além. Mãos à obra! Para os já aderentes, apenas um conselho: aventurem-se à descoberta que o Facebook proporciona e ao diálogo entre companheiros...

YOUTUBE / UNIASES

O José Silva Dias – G57 – partilhou no You Tube uma série de vídeos, uns de sua produção outros de arranjos seus, que têm algo em comum com os AA. Tempos de emergência e confinamento pairam no ar.

Excelente ocasião para “entrar” através da net com youtube.pt (You Tube), digitando em pesquisa Unias, sendo de imediato mostrada uma série de vídeos com a indicação do nosso logo (emblema) e clicando sobre UNIASES temos acesso direto a todos os vídeos existentes no Canal: uns já antigos, outros mais recentes, e a novidade da comemoração do Encerramento do 50º aniversário da nossa associação de Antigos Alunos, ocorrida já no distante ano de 2009, no Fraião. Depois... será contigo!

Caso não te entendas com o que acima ficou dito... através do link abaixo, (mais parece uma chinesice, mas foi o que se pôde arranjar), que terás de digitar, chegarás lá direitinho através da Net:

<https://www.youtube.com/channel/UCh08dylKpst3ioG8UPuw39Q>

Artur Gonçalves de Oliveira G45

Desde Viana do Castelo escreve-nos dizendo: que envia prova da ajuda para o Boletim, prometendo ser mais pontual no pagamento das quotas.

Agradecemos o contributo enviado, dele dará conta o Tesoureiro na rubrica de Tesouraria no trimestre.

Mais do que a pontualidade ou sua intenção importa a regularização dos teus deveres quando para tal tenhas

oportunidade. No entanto, é sempre bom não esquecer...

Aproveito a ocasião para vos dar conta do falecimento do Adelino Carvalhosa. (Vide “Notícias Tristes”)

Serafim Gomes de Oliveira G49

Assíduo leitor da “Voz Portucalense”, está atento às notícias sobre AA que, por vezes, ali vêm incluídas. Assim aconteceu com o anúncio do óbito de P. Avelino Alves, incardinado no Presbitério da Diocese do Porto, sendo ele AA do Curso da Silva em 1938. (Vide “Notícias Tristes” deste Boletim Nº. 198).

Comunicou-nos o falecimento do seu irmão José, falecido em 24 de maio de 2020, dia do seu 82º aniversário.

Sinceras condolências pelo infausto acontecimento familiar; e, ao mesmo tempo, o nosso agradecimento pela atitude em estar ao par no que diz respeito aos AA. Obrigado.

António Félix Costa Junqueiro G53

Tomámos boa nota sobre o crédito de 150,00€ efetuado para quotas. O Tesoureiro já terá agradecido tão nobre gesto; pena que tenha confundido ‘Junqueiro’ com ‘Junqueira’. Se soubesse que eras do concelho onde os seus habitantes, quais guerreiros, andam de espada à cinta, não te relacionaria com Estela/Póvoa de Varzim. Sanado que está o lapso, restamos o agradecimento pelo generoso contributo.

Joaquim Azevedo Moreira S55

Como prometido, acabo de transferir 1.000 euros do subsídio de férias, que me passam ao lado, as férias, para a Causa, cabendo a divisão ao teu criterioso sentido de equidade... “tu vi-debis”!

Aproveito para comunicar que a minha irmã mais nova, 74 anos, faleceu a 25 de maio; ela que tanto me recomendava para não sair de casa por causa do covid e que acabou por

não resistir, a uma crise cardíaca, no hospital de Braga, onde dera entrada poucos dias antes.

Agradecemos a generosidade pelo chorudo contributo. Contigo choramos a morte da tua irmã mais nova. Sentidos pêsames, em nome da UNIASES.

Deixaste-me um pouco confundido acerca da quota e cota. Lá no fundo, uma e a mesma coisa já que derivam da latina “quota”, uma por via erudita, a primeira, a outra mais popular. Quanto a mim, prefiro a quota à cota, pois esta última (entre outras significações) adquiriu um sentido deturpado, significando, entre a juventude, qualquer pessoa entrada na idade ou então aquela malha metálica usada pelos guerreiros medievais ou ponto geográfico que marca determinado nível e o compara com outro, ressaltando daí uma diferença de nível ou cota. Melhor do que eu, tenho-te em consideração por mestre, saberás distinguir o trigo do joio.

Morreu-me no último domingo o “Neco”, um dos meus cães, comigo há quase quinze anos, custou muito. Entretanto assiste-se a estas cenas à volta de canis legais, canis ilegais, incêndios que atingem “abrigos” que mais parecem cemitérios. Alguém disse que quem não estima e/ou “destrata” os animais nem pode dizer sequer que tem dignidade humana. E é o que vemos por esse mundo fora, coisas muito tristes.

Enfim, desabafos, é muito difícil conviver com tanta desumanidade. Bem gostaria que isto fosse apenas o pessimismo de quem sabe que está a viver os últimos tempos.

Até te dou razão. Cenas horripilantes de uma total indiferença pelos pobres “bichos” que nos fazem companhia e são nossos amigos.

Ânimo e saúde da boa para contrariar esse pessimismo. Sei que estamos em “carreirinha” como dizia o Pereira Pinto...

Armando Ferreira da Silva V56

Vamos lá manter-nos em casa por uns tempos e ver quando podemos voltar a abraçar-nos, com gosto redobrado pela vida, nossa, dos nossos e dos outros.

Palavras escritas por altura do primeiro confinamento e que hoje ainda permanecem sábias quando se adivinha um novo surto. Mais vale prevenir que remediar; não basta esperar que tudo acabe em bem ou que tudo passe sem sermos beliscados.

Antero Manuel Costa Monteiro V56

Já agora, embora goste muito de ler o boletim em papel, podes enviar-mo em formato digital, que eu imprimirei depois.

Antecipo os meus agradecimentos e espero que haja muita saúde para resistir ao cerco viral e a outros assédios perniciosos. Ânsia de abraço de minha parte.

Saúde-se mais uma aderência às modernices do digital. De grão em grão se vai enchendo o celeiro. Mais adesões são precisas. A quem nos lê, um recado: Que estes exemplos te encorajem e façam optar por igual tratamento.

Joaquim Mendes V56

Neste fim-de-semana, fui até ao Norte para ver um meu irmão que está numa UCC em Vizela a recuperar de AVC que teve em Março. Fiquei chocado, pois nem parecia o meu irmão Abílio, tão magro que estava.

Em Abril faleceu um outro, o João, depois de ter sido operado o ano passado a um cancro do estômago. Eu vou andando menos mal; dos seis estamos três. Um ano para esquecer!...

Não tencionava contar-te estas notícias tristes! O e-mail era para te dizer que fiz uma transferência de 50,00 € para pagamento da quota deste ano!...

Esperemos que melhores dias venham para alegrar os dias de que ainda dispomos, apesar de pairar no ar o surto de uma nova vaga de Covid e com ela toda a trapalhada dos cuidados de saúde de quem tem a desdita de ficar internado.

Ânimo e as melhoras do mano Abílio.

Ah! Gratos pelo teu contributo que nunca esqueces. Assim muitos mais alinhassem, sobretudo os eternos faltosos!...

Francisco da Cunha Pinto V56

Resposta do tesoureiro ao colega de ano acima identificado.

Sempre comungamos da dor uns dos outros...Peçamos ao Senhor que nos conserve com a saúde possível, sem necessitar de ir para essas casas...

Por cima, ainda temos de aturar com este Covid... que nem nos deixa encontrar e viver com os amigos.

Confiemos que melhores dias virão e em Braga já há restaurantes muito melhores que o Eucalipto de Moure.

Não saído dos efeitos pandémicos, já a pensar em altos voos, a modos que um confronto Braga vs. Guimarães. Importante é não deixar morrer a esperança e não expor-se a acontecimentos que facilmente poderão evitar-se.

A alinhar esta resposta eis-me subitamente despertado por telefonema. Era o Cunha Pinto a comunicar-me a morte repentina de sua irmã mais nova, Ludovina, de 67 anos de idade, neste dia 8 de Setembro. Fiquei sem palavras, mas porque acreditamos, sabemos que viverá junto do Senhor da Vida e da Morte.

Nossas sinceras condolências!...

Joaquim Leal Pereira V57

Escreve-nos este nosso Diácono 'permanente' a pedir-nos o favor das nossas orações pela sua mãe, vítima de inesperado AVC que a deixou bastante paralisada.

Porque acreditamos no poder da oração, na comunicação e comunhão dos santos, deixamos o pedido aqui feito a todos os nossos leitores e AA.

José Luiz Silva Henriques V58

A propósito de uma foto postada no Facebook/UNIASES, tirada em dia de passeio grande nos finais dos anos 50 e que tem por guarda-costas o Palácio da Brejoeira, Monção.

Olhava uma vez mais para esta foto de grata memória!... Não seria uma coisa interessante procurar saber um

pouco mais de nós, os que aqui estamos, e saber como seguiram pela vida?..

Fica lançado o desafio; eu diria: mãos e cabeça à obra, rapaziada de Viana nos anos de 57 e 58 ou 58 e 59 (?). "Quem não se comunica, se trumbica", (de uma cantiga carnavalesca brasileira, - 'forró').

Mais não posso fazer; mas apoio e saúdo o salutar desafio para avivar memórias enquanto o tio Alzheimer ainda não anda por aí.

P. José Lopes de Sousa V61

Obrigado! Estamos e estaremos vivos, se Deus quiser!

Nada que agradecer. Também é preciso de fazer algo de concreto na prevenção para a preservação!

José Manuel Martins F61

Agradecemos votos de boa saúde, de bem-estar e esperança.; Mas importa fazer algo de concreto para a concretização desses desejos e sonhos. Verba da quota anual entregue no seu sítio próprio. O Tesoureiro agradece tamanha generosidade!

Agostinho Aug. Codeço Pereira V62

Em sequência do publicado no Boletim dos ASES, junto em anexo cópia do talão de transferência para o respetivo IBAN.

Está tudo dito: cumpridor e leitor do Boletim na sua totalidade ou seja: lido nas entrelinhas até!

Pedro Moya Campos S/N 62

Já o mencionámos no anterior número 197 do nosso Boletim. Este AA aluno espanhol, atualmente emérito jubilado, por médico das doenças do aparelho digestivo (gastroenterologista), dedica-se à escrita. MAYO, AMOR ROJO, foi o livro que o lançou às feras da crítica literária castelhana. Parece ter sido bem aceite. Prepara uma segunda edição...

Não se ficou por aqui. Está a redigir uma segunda novela, um thriller como diz, com o título de CANGREJOS DE RIO.

Para não empregar o seu tempo ao sabor do "il dolce far niente" também se

dedicou à escrita de livros para consumo 'doméstico' sobre viagens (incluindo gastronomia e arte monumental) – vinte livros – e um livro sobre o seu mítico clube de sempre, o Real Madrid. Êxitos e que não percas a determinação/persistência na luta por teus ideais literários.

José Costa Machado G64

Aos que passaram pelo Fraião/Braga, as festas de S. João, mesmo que em época de exames de fim de ano ou de ciclo no Liceu Nacional, marcaram bem fundo uma recordação de encanto e experiência ativa nos folguedos onde predominava a música, a alegria e o peculiar martelar.

Este ano, por condicionalismos da pandemia, houve que recorrer a novas formas de festejar o S. João em tempo de pandemia. Aqui aparece o José Machado e a "sua" Associação Cultural "Os Sinos da Sé", a manter a tradição das rusgas são-joaninas na cidade de Braga.

É seu timbre preservar e dar a conhecer as tradições populares por ocasiões de festas durante e no fim de fainas agrícolas e/ou de festas religiosas e votivas dedicadas a santos protetores. Impedidos de sair à rua, logo trataram de cozinhar uma música/rusga em honra do patrono da cidade. Por sinal, um sucesso.

Com letra sua (José Machado) e arranjos de Daniel Cristo (ilustre músico bracarense) logo tratou de preencher um vazio criado pelas vicissitudes dos condicionalismos sanitários provocados pela pandemia. Assim surgiu S. João em tempo de pandemia, cantiga que fiz para celebrar o S. João de Braga este ano, interpretado pelos "Sinos da Sé". **Aqui fica o refrão:** Vamos botar uma cantiga / Em louvor de S. João / O nosso tempo assim obriga / E a pandemia é a razão.

Como se aproximam tempos de confinamento (não consulte qualquer oráculo), deixo para seu preenchimento a busca de mais uma atividade cultural. Há profusas páginas a vaguear no éter do Facebook. Aqui ficam umas dicas/chave para as apanhar na rede (Internet): "Sinos da Sé",

"S. João em tempo de pandemia", "José da Costa Machado"... Sorte e boa pesca, não esquecer que o mar é português... nada de brasileiro. Para quem é, meia palavra basta.

José Teixeira da Rocha G65

Aproveitando este tempo de quarentena, elaborei um texto-resumo sobre a história dos seminários da Congregação do Espírito Santo em Portugal. Não sei, ou não me recordo, se alguma vez foi publicado no nosso jornal algum texto sobre este tema. Foi nesse sentido que o pensei, mas cabe à digníssima direção dos ASES decidir sobre o assunto.

Interessante, sem dúvida. Agradecemos a dedicação e o empenho demonstrados pela causa dos AA.

Chamamos a atenção para a pequena nota que a Redação colocou no final do artigo. (Pág. 7)

Manuel Fernando Faria Souto V65

Sempre atento aos assuntos que relevam e digam respeito aos AA. Os nossos agradecimentos pelas histórias e buscas realizadas e enviadas.

Francisco Jesus Jarnalo G66

Cá por casa também nem todos ficaram imunes.

Enigmático. Será que o malfadado vírus fez das suas? Esperemos bem que não. Ficas a dever-nos uma explicação.

António Salgueiro Santos G68

Demonstra, com frequência, grande é a atividade no grupo Facebook com vídeos sobre locais que para muitos dos AA dizem qualquer coisa, recordando a Régua, a Falperra. e outros... Para recordar a quem passou por Godim, e Fraião, acrescentamos.

Vale a pena dar uma saltada/olhada pelo Facebook/UNIASES. Obrigado.

Víctor Manuel Martins Costa G68

Tecelagem e Tecedeiras de Almalaguês! Tema querido a que dedica grande parte da sua criatividade artística/plástica a fazer lembrar, por vezes, o abstracionismo de Helena Vieira da Silva envolto em poesia.

Continuando a minha homenagem

a todas as mulheres que se dedicaram e se dedicam nos seus teares, à tecelagem de Almalaguês, oferecendo-nos a beleza de trabalhos fascinantes, marcados por batidas fortes, cadenciadas e firmes como o amor e puxado a puxado, sulcando na teia poemas de sonho, constroem a arte de ser beleza e vida.

«No fresco ar que se respira para lá do postigo, entre as batidas ritmadas de força e desespero, solta-se o sonho do namorico ao cair da tarde, entre a ladeira e a fonte e a sombra dos pinheiros e o aroma a resina...» Lamento apenas... a normal falta da comunicação social!

Assim, vai transportando as suas telas a caminho de exposições, em Coimbra, em Condeixa-a-Nova, Figueira da Foz, Lisboa (Galeria de Arte CNAP – Clube Nacional de Artistas Plástico – em Telheiras)

A tecelagem de Almalaguês, mistura suor e lágrimas, mistura sonho e realidade, mistura amor com amor!

Uma homenagem sob o título: «Para além do tempo...» em acrílico s/Tela **Aos amantes da arte, um lembrete: caso tenham conhecimento e oportunidade não deixem de fazer uma visita aos seus trabalhos expostos e estejam atentos ao Facebook / UNIASES.**

António Martins da Silva V70

Não tenho acompanhado muito a evolução, e desenvolvimento do evento dos 50 anos de entrada no Seminário de Viana do Castelo, possivelmente não vai ser efetuado, mas se for agradeço efetuem a minha inscrição, quanto a familiares se for avante informem em que modos será a sua inscrição.

Agradou-nos a comunicação, via e-mail, enviada dos escritórios da tua empresa de Mediação de Seguros, em Santo Tirso, dando conta de tuas preocupações com o pulsar da nossa Associação. Os eventos dos 50 anos de entrada nas casas de formação da Congregação do Espírito Santo são relativamente recentes e têm uma múltipla função: revisitá-las, confraternizar com os companheiros de ano à época e tomar contacto e

estabelecer relações com a Associação de AA.

Ora tal, acontece por ocasião de 50 anos após os primeiros casos da entrada; para muitos, uma completa novidade. A partir daí, os contactos são mais frequentes

Este ano pelos constrangimentos a que nos obriga a pandemia, a par do mais que provável estado de contingência/emergência, acresce ainda o facto da Casa de Viana entrar em obras.

Este ano não haverá o encontro cinquentenário da entrada no Seminário. Esperemos por melhores dias e a contento de todos uma solução será encontrada para manutenção desses encontros jubilares.

Agradeço também que me inscrevam como sócio da Associação dos AA do Espírito Santo e enviem nota de inscrição e cotação cujo pagamento efetuei sob a CGD.

Já estás inscrito como Sócio (AS) sendo-te atribuído, na sequência, o número 3251. Ao nosso Boletim trimestral foi fixado o pagamento de 5,00 Euros por ano para custear despesas com a Tipografia e encargos postais (envio por CTT).

Qualquer Associação que se preze aplica aos seus associados uma quota que, neste momento, está fixada no valor mínimo de 10,00 Euros cujo pagamento deixamos à responsabilidade de cada um. Se não for

agora, sê-lo-á em qualquer altura quando houver disponibilidade e boa vontade.

O Tesoureiro, em rubrica própria, dará conta das entradas no Boletim trimestral UNIASES com indicação do nome do quotizante e do valor entregue que será distribuído conforme desejos do associado, caso contrário entrará apenas como quota sendo aplicado para rigor de contas e com aprovação em Assembleia Geral.

O Boletim será enviado por via digital para antoniosilva@martinsdasilva.pt conforme conversação telefónica. Obrigado pelo interesse manifestado.

Graciano Joaquim Garcia G71

Gostaria de agradecer a todos os ASES envolvidos na UNIASES pelo envio sistemático da publicação, mesmo tendo estado eu tão ausente ao longo destes anos. Da leitura dos boletins, ficam momentos de recordação, saudade e agradecimento remetidos à minha infância, sempre com a promessa, até agora não cumprida, de voltar ao contacto com os ainda companheiros nesta já longa jornada.

Mas a fotografia enviada pelo José Júlio de Sousa Lourenço e publicada no Boletim 197 (Recordando o ano de 1970 em Godim), além de me ter enchido os olhos de lágrimas, despertou-me a necessidade de escrever estas palavras.

Infelizmente, não me lembro dos nomes dos colegas pois grande parte deles não nos acompanhou no trajeto para Braga e posteriormente para Barcelos. E o pior de tudo; já se passaram 50 anos.

Mas o sorriso inesquecível do Sabença, não esqueci. Grande amigo, grande companheiro, que, por alguma razão, espero que divina, está no centro mais próximo do grupo.

Aos restantes companheiros, deixo o meu e-mail (gracianojpgpessoal@gmail.com) desejoso de estabelecer contatos e a possibilidade de partilharmos recordações. Um grande abraço.

Está, praticamente, tudo dito. Importa, agora, partir para a ação ao encontro de memórias e vultos esquecidos no tempo. A todos, principalmente aos contemporâneos do Graciano Garcia, mãos à obra.

Lembras-te, Graciano, do teu primeiro, e fortuito e fugaz encontro, com os ASES na Torre d'Aguilha, há mais do que uma temporal década? Foste apanhar um teu filho que lá deixaste num encontro qualquer; ao passares por um grupo ouviste parte da história que se comentava sobre a morte de um aspirante a irmão que apanhara com uma pesada cavaca na nuca quando se arrumava a lenha para o fogão grande da cozinha, no Fraião... Estás lembrado? Eu não esqueci.

CANTINHO DA POESIA

INSÓNIA

e não esqueço
e não esqueço
e não esqueço

por isso revolteio
entra-me a dor de perneio
e nem sonhando adormeço

falta-me cantar ainda
teu olhar de angústia e mágoa
essa ânsia que não finda
essa volúpia de água

e sinto que tu só amas
o longe que não atinges

um reino cheio de esfinges
um lago feito de chamuscas

e vejo que me não vês
que perpassas outra vez
que o teu reino não é este
assim de tédio enfadonho

que tu vives mais a leste
ou a oeste
que interessa
mas que a vida do teu sonho
do teu adejo noturno
não é essa
não é essa

Anthero Monteiro – V56
(in Desesperância)

POIS!...O FUTURO

Afadigámo-nos em corrida incessante
pensando que o tempo nos corre de favor
só olhamos para a frente e num instante
esbarramos com a morte e com a dor.

Percebemos então que ao olhar o futuro
p'ra ele vamos porque existe o presente
e sem o passado seria imaturo
pensar eu sou e eu serei, obviamente.

Fui, sou, serei, são três desavindos irmãos
mas unidos eternamente para a vida
sem escolha para caminhos diferentes

O futuro diz "em frente, demos as mãos"
o presente hesita perante a corrida
e o passado prende-os, aos dois, impotentes...

Ricardo Macedo - V56
Rio de Mouro, 26/03/2020

NO CINQUENTENÁRIO DO LICEU EÇA DE QUEIRÓS

PÓVOA DE VARZIM

J. M. Pinheiro Maciel

O recentemente falecido Maciel, a julgar pelo testemunho de muitos companheiros, permanece vivo nas suas memórias pelas qualidades intelectuais, acima da média. Estendemos nossa homenagem a todos os docentes saídos de nossas fileiras a lecionar do “Primário” ao “Universitário”, de modo especial aos resistentes na Secundária da Póvoa de Varzim / Eça de Queirós, a quem agradecemos toda a colaboração prestada na pessoa do Prof. Manuel Faria Souto. Atente-se na peroração que se segue, por ocasião do Cinquentenário da “sua” escola e na volta dada ao texto. A água foi conduzida ao seu moinho... e a ‘carta foi entregue a Garcia’. Sem mais comentários!

«Caros colegas e amigos.

Perante o convite que me foi endereçado para estar aqui, e deste lado da mesa, tive a primeira reação de me considerar a pessoa menos indicada. Logo a seguir, porém, já que tudo tem o seu reverso, perguntei-me: Porque não? Também faço parte deste presente, também sinto este passado que revivemos aqui. Não me sentindo habilitado para fazer uma resenha minimamente rigorosa do ponto de vista histórico, ou ao menos cronístico, saiu-me espontaneamente, à colega que me solicitava, a proposta: Posso falar de Leonardo Coimbra... se me tivesse questionado porquê, a resposta mais honesta quiçá viesse a sair: Porque é a Rua do Liceu, nome indissociável da nossa escola por acaso de polícia. De número da dita, para ser mais preciso. Paradoxalmente, sem número de polícia. Pelo menos, nunca o soube ou o coloquei no endereço. De qualquer modo, talvez se perca no acaso das homenagens póstumas, este nome que, explicando a minha espontânea reação, tanto marcou o Liceu Eça de Queirós, da Póvoa de Varzim. Propus-me, irrefletidamente, fazer o mesmo que aquele pregador que só falava das virtudes da confissão. Solicitado a fazer o sermão na festa de S. José, começou: - “Meus irmãos, S. José, como bem sabeis, era carpinteiro (... há quem diga que ferreiro...). Ora, se era carpinteiro, fazia com certeza também confissionários... A confissão, pois, meus irmãos...” – e assim prosseguia. O mesmo faço eu, Professor de Filosofia, pedem-me para falar do Liceu e falo de Leonardo. Falar de uma coisa é também falar da sua ausência. Assim falamos do passado, assim também do futuro. Falar de Leonardo Coimbra é falar da sua passagem pela escola da Póvoa, do frenesi do seu magistério, mas também do seu

desaparecimento trágico e prematuro e destoutra ausência, do limbo que atravessou a sua outra escola, a do seu pensamento. Falar do Liceu, nesta efeméride dos cinquenta anos desta casa, falar do edifício do Liceu é também falar da sua ausência, que a época que vou referir é a do Liceu nómada, instituição que «antes do ser já o era», passarinhando de acampamento em acampamento, até vir a encalhar, quase me atrevo a dizer definitivamente, nestes campos a norte, por um desterrado da Ilha do Desterro que perseguia o vento... E aí chegou, acrescentaria, seguindo o exemplo de outro emblema, a Basílica que o franqueia, e que durante tanto tempo também se procurou sem se encontrar de todo.

A Póvoa, o Liceu e o Coração de Jesus. E porque já falei de S. José, aquele outro poveiro de adoção (não o somos quase todos?), Alexandre Pinheiro Torres diz, salvo erro no Adeus às Virgens, que a Póvoa é “uma terra de andar de igreja em igreja, de cabeça baixa”... Pois foi a esta aldeia de igrejas, a esta vila de crédulos pescadores, que Leonardo Coimbra veio aportar, na sua deriva de ateu convicto e anarquista escorraçado, acolhido com desconfiança num Liceu... de padres!

A resistência não foi de onde seria de esperar. O corpo docente do Liceu Eça de Queirós incluía, é certo, membros do clero, mas foi o meio político local que se movimentou para vigiar ansiosamente o forasteiro. Apoiado, no entanto, por Santos Graça, que já o conhecia e era correligionário maçónico, Leonardo Coimbra faz-se aceitar. Mais: é na Póvoa que reflete sobre o seu O Criacionismo, que lhe tinha valido uma escandalosa reprovação na candidatura à faculdade de letras de Lisboa. É aqui que o seu pensamento se debruça sobre si mesmo, naquela obra fulcral que é O pensamento criacionista de Leonardo.

É na Póvoa ainda que, reconciliado com a vida que lhe tinha levado o filho, escreve A Morte, seguida de A luta pela imortalidade, na sequência da dádiva desta terra hospitaleira onde lhe nasceu o segundo filho. Também aqui germina A Alegria, a Dor e a Morte, para além do seu mais significativo trabalho em A Águia. Aqui vêm o Homem de Pascoaes e Jaime Cortesão apadrinhar o filho e apoiar no labor cultural das conferências que esta terra lhes mereceu. Tudo no breve espaço de dois anos que lecionou na Póvoa.

O convívio com alunos e colegas de Liceu foi-lhe grato, incluindo aqueles que, pelo seu estatuto clerical, pareceriam à partida mais renitentes. Não terá sido assim. Era gente culta, que participou num fenómeno cultural raro e de algum modo hoje incompreensível: a manutenção de uma coleção editorial, Ciência e Religião, dirigida a um público leigo, que tentava à sua maneira responder à ansiedade cultural daquele fim de regime e à eclosão de uma nova era. Temas como a Teoria da Evolução, a Leitura crítica da Bíblia, a doutrina social da Igreja católica, sucediam-se em edições mensais que se mantiveram após o exílio do seu mentor, Artur Gomes dos Santos, que Leonardo já cá não encontrou, mas foi colega de um dos autores publicados, o P. Micalef Pace. Terá, pergunta Pinharanda Gomes, esta iniciativa algo a ver com a posterior promoção, em Parceria com Tavares Martins, da coleção Filosofia e Religião, esta uma das grandes proezas culturais de Leonardo? Ou, pergunto eu, e já depois dele, com a incontornável Biblioteca Cosmos?

Quando, em 1919, já Ministro da Instrução, aqui vem promover o Liceu Eça de Queirós a Liceu Nacional, Leonardo Coimbra não vem apenas cumprir um dever de gratidão. Vem, provavelmente sem o saber, fechar um ciclo de ouro na história cultural da Póvoa de Varzim».

CHAMADAS DE SANTA CRUZ

Última crónica para a Rádio Francisco Sanches em modo de fecho do ano letivo
4 de Julho de 2020

José Machado

Este foi o ano em que me aposentei desde Janeiro, ano que ficou marcado pelo confinamento da população escolar e de todo o ensino. As escolas fecharam e o processo de aprendizagem decorreu por via virtual, num processamento que foi surpresa para todos, alunos, pais e professores e cuja avaliação estará a decorrer para fundamentar as decisões relativas ao novo ano letivo.

De Março – a minha última crónica foi a catorze - até hoje, as Chamadas de Santa Cruz ficaram suspensas e mergulharam em processo de ausência e de impotência para a ultrapassar: o Lar de Santa Cruz, onde tenho três familiares, entrou em confinamento absoluto, os utentes ficaram sem visitas e sem qualquer possibilidade de se deslocarem para fora do lar e, mesmo dentro, foram limitadas as deslocações de quem ainda pode andar com autonomia.

A dureza do isolamento só agora em finais de Maio abrandou, mas ainda não há visitas aos quartos e os utentes apenas podem ter uma entrevista com familiares, meia hora por semana, em moldes de distanciamento físico rigoroso. O sofrimento é muito, a saudade é acutilante e as mazelas fazem-se sentir, os utentes apresentam sinais de cansaço e de variação humoral muito sintomática e os familiares aguardam melhores notícias já com muita falta de paciência. Houve

utentes sintomáticos, houve mortes previsíveis e houve curas e superações da doença; não tivemos conhecimento de situações de caos ou de abandono ou de insuficiência de meios, antes pelo contrário, verificámos uma dedicação ímpar, absolutamente empenhada e solidária, quer da parte dos funcionários, quer da parte da gestão do Lar.

Criei uma página no Facebook para acompanhar a situação: Amigos do Lar de Santa Cruz. Quem quiser pode aceder e começar a interagir. As redes sociais tornaram-se um refúgio e um campo de ação e de muita aprendizagem. O mesmo aconteceu com a escola. Acompanhei por largo o que se passou no nosso agrupamento, ainda presidi à organização do Conselho Geral que deu origem à eleição de novo presidente e à consequente eleição de novo diretor. Deixo aqui os meus cumprimentos aos eleitos, à professora Cristina Cibrão como presidente do Conselho Geral e ao professor Arlindo Antunes de Sousa como Diretor. Continuarei a afirmar a minha disponibilidade de colaboração nas dimensões educativas possíveis. Saber tirar lições daquilo que nos acontece é uma ideia sempre presente na educação, traduz-se nesse axioma de que estamos sempre a aprender. Fomos desafiados a fazer uma escola dentro das escolas, uma escola a partir da casa de cada um e pelo

processo de ligação a uma rede virtual. A informática tornou possível esta mudança, porventura revelou algumas insuficiências e terá gerado as mais díspares emoções e reflexões.

Importa tirar lições, mas eu creio que se tornou muito evidente a necessidade de regresso o mais depressa possível ao contacto físico, à presença de pessoas nas salas, à ocupação espacial e temporal das escolas. Não deitar nada fora, nem o que se aprendeu com a escola virtual, nem o que se aprendeu com a ausência dos espaços físicos e dos contactos cara a cara é o que eu recomendo a todos. Na nossa vida tudo tem que ser aproveitado e acabará por nos ser útil. Assim o espero e oxalá as escolas regressem em força à sua natureza de espaços povoados de gente em aprendizagens continuadas.

Quanto às lições a tirar nas dimensões do humano demasiado humano e do espiritual, também creio que todos vamos ser um pouco diferentes do que fomos até agora, para melhor, estou convencido, mais solidários, mais reflexivos e mais práticos, menos agarrados a ideologias de mudança radical que tudo parecem reduzir a estratégias de medo e de imposição.

Oxalá saíamos desta crise com mais ansiedade de liberdade e de criatividade, é a minha esperança..

TESTEMUNHOS

EM MEMÓRIA DO MACIEL

Devo confessar o choque pela morte do Maciel. Minha nossa! Além de tudo o mais, ainda fomos colegas na Escola D. Sancho I em Famalicão, um ano ou dois, nos anos 80, ele e a mulher eram ali professores, ambos de filosofia, se não estou em erro, ele pelo menos sim. Estas coisas só têm um sentido, apenas avisos de que isto pode acabar de um dia para o outro.

Joaquim Azevedo Moreira – S 55

Acuso a receção. Agradeço do coração a publicação do meu testemunho sobre o nosso colega Maciel, cuja partida muito me entristeceu.

Anthero Manuel Monteiro - V 56

Fiquei tocado pelos testemunhos acerca do Maciel de quem fui amigo uns anos até sair. Fiquei sempre com uma bonita recordação e sintonia em muitos ideais. Deus o recompensará.

P. José Carlos Neves Delgado – G 58



FALECIMENTO DO P. MACEDO LIMA

UM TESTEMUNHO

José A. Marques

Recebida a triste notícia do falecimento do P. Macedo Lima, no final da véspera da realização das exéquias na Torre d'Aguilha, fiquei sem palavras, agravando-se a situação por minha completa impossibilidade presencial em lhe prestar a última homenagem sentida e merecida.

Foi com ele que me aconselhei quando decidi abandonar o Seminário, concluídos que estavam os dois anos de Filosofia, na Torre d'Aguilha.

Foi ele que diligenciou junto do seu irmão no sentido de ter uma ocupação após a saída, tendo então rumado até ao Porto, como Prefeito no Colégio Almeida Garrett, acumulando o cargo com explicações de Português, que dava a alguns dos seus alunos.

Foi ele, mais tarde e já depois de cumprido o serviço militar, com uma passagem por dois anos no então Enclave de Cabinda, e com emprego certo no Banco, o sacerdote que, a meu pedido, nos casou, a mim e à

minha esposa, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa.

Foi ele que, após a realização do ato matrimonial, conduziu os recém-casados no meu carro, recentemente adquirido, com algumas das poupanças amealhadas durante o cumprimento do serviço militar.

Ainda estou a ver o seu sorriso, único, de pessoa bem-disposta e a não ter como recusar o pedido do seu ex-aluno e por ele acompanhado espiritualmente, nos tempos vividos na Torre d'Aguilha.

Outros tempos, que as gerações mais novas porventura não entenderão.

E é com as lágrimas nos olhos, não tenho vergonha de o dizer, que escrevo estas palavras, que ficam muito aquém de tudo quanto amanhã me apetecia, em silêncio, dizer-lhe, na esperança de que ele me ouvisse, tanta era a sua fé em Deus. "É preciso ter fé", era a sua resposta a muitas das questões que eu lhe colocava.

TESOURARIA

JULHO / SETEMBRO 2020

N.º	NOME	MONTANTE
41	Adriano Pereira Carreira	30,00 €
50	Afonso Nunes Santos Pereira	75,00 €
53	Agostinho Aug. Codeço Pereira	50,00 €
563	Anónimo	30,00 €
2724	António Alberto Vieira Monteiro	25,00 €
3208	António Carlos Gomes Pinheiro	20,00 €
???	António Chaves	100,00€
262	António Félix Costa Junqueiro	150,00€
303	António Joaquim Martins Paiva	100,00€
327	António José Sarmento Dias	30,00 €
431	António Vieira Parente	40,00 €
452	Armando Ferreira Vilhena Silva	20,00 €
482	Artur Gonçalves Oliveira	50,00 €
2165	Baltasar Fernandes Martins	50,00 €
2514	Diniz Agostinho Gaspar	100,00€
831	Gaspar Ribeiro Costa	30,00 €
849	Helio Sousa Martins	20,00 €
3185	João Fernando Ribeiro Silva	20,00 €
2941	Joaquim Gonçalves Lopes	50,00 €
1021	Joaquim José Azevedo Moreira	100,00€
1021	Joaquim José Azevedo Moreira	200,00€
1040	Joaquim Mendes	50,00 €
2942	Jorge Alberto Viegas Bárbara	20,00 €
3067	José Armindo Cas. Bento Pinto	20,00 €
1141	José Azevedo Barbosa	50,00 €
1147	José Candido Gomes Ferraz	25,00 €
1256	José Manuel Gonçalves Bonifácio	50,00 €

N.º	NOME	MONTANTE
1261	José Manuel Martins	110,00€
3274	José Manuel Martins Vale Lima	5,00 €
1319	José Nepomuceno Silva Dias	50,00 €
2965	José Oliveira Brás	25,00 €
1460	Manuel Alvaro Ferreira Silva	30,00 €
3109	Manuel Cunha Neiva	50,00 €
1536	Manuel Fernando M. Vale Lima	20,00 €
2850	Manuel Inácio Estevinho	20,00 €
1589	Manuel Lopes Oliveira	20,00 €
2185	Rafael Fonseca Meireles	50,00 €
1855	Sebastião Caldeira Ramos	50,00 €
1899	Vasco André Alves Oliveira	20,00 €
2603	Zeferino Luis Barros Lemos	200,00 €
TOTAL		2.155,00€

DISTRIBUIÇÃO DE "LEVADOS POR UM SONHO"

Distribuídos até 30-09-2020	404	8.080,00 €
Ofertas	51	0,00 €
Para distribuição	65	

EDITORA MAAES

CROWDFUNDING

CONTA PT50 0035 2008 0003 8874 930 35 (EXTRATO 17)

Saldo anterior (Uniases 196)	2.906,87 €
9 Joaquim José Azevedo Moreira	700,00€
SALDO MAAES na conta ASES	3.606,87 €

NOTÍCIAS TRISTES...



P. Joaquim Pereira Macedo Lima

Natural de Teixeira/Baião, distrito do Porto, onde nasceu em 10 de maio de 1933, entrou no Seminário de Godim/Régua no ano letivo de 1944/45 tendo prosseguido os seus estudos e completado a sua formação missionária nas Casas da Congregação do Espírito Santo: fez a sua

Profissão Religiosa a 8 de setembro de 1952, no seminário da Silva/Barcelos; sendo ordenado de presbítero em 21 de setembro de 1957.

No ano de 1958, em Roma, concluiu a licenciatura canónica em Sagrada Escritura, início de um longo percurso de vida apostólica espiritana, servindo com dedicação a Igreja e a Congregação. Além de assistente e diretor espiritual de diversos movimentos e institutos eclesiais, dedicou-se ao ensino tendo sido professor de Sagrada Escritura e de Grego Bíblico, cumulando com as funções

de Reitor, no Seminário da Torre d'Aguilha a partir do conturbado ano de 1965 e seguintes.

Dos inúmeros compromissos missionários assumidos destacam-se: o de animador missionário para a zona de Lisboa no ano de 1969, o de conselheiro provincial em 1970, o de secretário provincial em 1975, o de Superior da Comunidade Provincial, na Estrela, em 1976 e o de secretário-geral da CNIR (Confederação Nacional dos Institutos Religiosos) em 1980.

As duas últimas décadas foram vividas na Torre d'Aguilha onde desempenhou diversos cargos ao serviço da comunidade e exerceu seu múnus apostólico junto das paróquias da região e em diferentes institutos da vida consagrada.

Após hospitalização em Cascais para tratamento de linfoma e derrame pleural, faleceria na noite de 6 de agosto de 2020, na Torre d'Aguilha, com 87 anos de idade. Esteve presente considerável grupo de AA do Núcleo de Lisboa, de quem foi professor e Diretor. Foi a sepultar no cemitério paroquial de S. Domingos de Rana em 'talhão' dedicado aos missionários espiritanos.

Sentidas condolências à Congregação e a seus familiares. Que o Senhor o acolha em seu seio de Vida eterna!

Por informação de familiares próximos e/ou por devolução do Boletim UNIASES com a indicação de "falecido", tivemos conhecimento do óbito de:

P. Avelino Vieira Alves

Natural de Carvalhosa/Marco de Canavezes, nascido em 20 de agosto de 1923, faleceu na Casa Sacerdotal da Diocese do Porto, à Rua da Boa Nova, em 25 de junho de 2020, com 96 anos. Entrou na Congregação dos Missionários do Espírito Santo pelas portas do seminário da Silva no ano de 1938, prosseguindo sua formação nos estudos eclesiais que concluiu na Universidade Gregoriana de Roma; sendo ordenado de presbítero em 19 de maio de 1951. Começaria por lhe ter sido confiada a formação de futuros membros missionários espiritanos, lecionando, no Seminário de Viana do Castelo, na área da Filosofia. Partiria, depois, como missionário para Cabo Verde ao serviço da Missão. Anos mais tarde seria incardinado na Diocese do Porto começando por exercer o seu múnus pastoral e apostólico nas comunidades de Anta/Espinho e Lomba/Gondomar. Na década de 70, na extinta Vigararia da Livração, foi pároco de Ataíde (1975-2014), Oliveira (1975-2014), Banho (1979-2002) e Real (1994-1995). A partir de 2014 foi residente na Casa Paroquial de Ataíde até ter regressado em 2019, por delicados motivos de saúde, à Casa Sacerdotal.

No dia 26 de junho, D. Manuel Linda, Bispo do Porto, presidiu às exéquias na igreja de S. Pedro de Ataíde. O corpo do falecido foi a sepultar em jazigo de família no cemitério de Carvalhosa, sua terra natal. Do Curso da Silva no ano letivo de 1938/39. (Sem número de AA nos nossos ficheiros onde não consta como inscrito).

AS 31 – Adelino da Silva Carvalhosa

Natural de Cabaços/Ponte de Lima, onde nasceu a 28 de maio de 1936, faleceu em 9 de julho de 2020 com 84 anos, tendo fixado a sua residência última em Carreço/Viana do Castelo, depois de ter passado por Vila Nova de Gaia durante vários anos.

Nos seus tempos do Fraião, anos de 40 e 50, notabilizou-se como conceituado organista e de cujos conhecimentos se socorria na dinamização e orientação do Grupo Coral da Paróquia de Carreço (fundado em 8 de junho de 1983) continuando a exercer, com excelência, os seus dons de organista.

Foi a sepultar no cemitério local da freguesia de Carreço/Viana do Castelo. Do curso de 1947/48 em Godim.

AS 1866 – Serafim Couto Volta da Silva

Natural de Nogueira da Regedoura/Santa Maria da Feira, onde nasceu em 2 de março de 1938, faleceu em 16 de julho de 2020, com a idade de 82 anos, no Hospital da Arrábida (VN Gaia) depois de ter passado pelo IPO do Porto, sendo sepultado no cemitério de sua terra natal. Em vida foi funcionário bancário, quer em Lourosa/Feira, quer no Porto, e era residente em Espinho. Uma particularidade: sem ter estado matriculado em qualquer casa de formação espiritana, adquiriu o estatuto de associado da UNIASES pelo seu incondicional empenho e pelos serviços prestados junto do Núcleo Feira-Espinho, marcando incondicional e ativa presença nas mais diversas atividades e eventos.

AS 1681 – Marcelino Pinto Ferreira

Natural de Argoncilhe/Santa Maria da Feira, residente que foi em Espinho, faleceu com a idade de 94 anos no dia 4 de agosto de 2020. Elemento ativo do Núcleo de Espinho/Feira até ser acometido de vários problemas de saúde que o impossibilitaram de manifestar a sua presença nas diversas atividades promovidas pela UNIASES. Estiveram presentes no seu último adeus, na Igreja matriz de Espinho, o Álvaro Marcolino, o Carlos Seixas e o Manuel Santos Moreira, todos do Núcleo da Feira. Do Curso do ano letivo de 1936/37 em Godim.

AS 535 – Cândido Alves Antunes Baptista

Natural de Erada/Covilhã, faleceu em Oeiras. Do Curso do ano letivo de 1944/45 em Godim.

Maria Alcina Marques Cristóvão

Viúva do AA João Cardoso Cristóvão (AA de 1935/36 na Silva e irmão dos P. Norberto e António Cristóvão) faleceu na Freineda/Almeida, no dia 2 de julho de 2020.

QUE DESCANSEM NA PAZ DO SENHOR! SENTIDOS PÊSAMAS A TODOS OS FAMILIARES.

ESTANTE

À VOLTA DO POETA SEBASTIÃO ALBA

Joaquim Moreira



Nos fundos da memória, aconteceu-me reencontrar agora aquela figura literária que há quase quarenta anos me tinha sido “apresentada” por colega do estágio pedagógico plurianual, em Beja. Falava ele de Sebastião Alba, uma personagem, original, e fiquei com a ideia de que aquilo era o que se costuma chamar um poeta, uma figura lunática, perdido no universo das ideias e das artes e naturalmente pairando sobre as vulgaridades deste mundo. Mal sabíamos então que essa ideia iria atingir as formas mais extremas. Sebastião Alba viveria os últimos e largos anos como autêntico vagabundo e sem abrigo, poeta sempre, encerrando a sua vida atropelado numa rodovia de Braga, o atropelante fugiu ao abrigo da noite. Tinha conseguido chegar aos sessenta anos.

Chamava-se Dinis Albano Carneiro Gonçalves. De Braga, pelos dez anos, foi com os pais para Moçambique, seu pai era professor primário. Estávamos na década de cinquenta do século passado e ficou a família na região de Tete, ao centro da colónia portuguesa.

Ali viveria a sua adolescência bebendo daquelas míticas paragens a fome de liberdade que o marcaria para o resto da vida. Por ali se caldeou e ganhou raízes o seu espírito rebelde, revolucionário, esclarecido, bem formado e sempre bem informado, os estudos secundários e universitários a lançá-lo no caminho das letras. Ali faria o serviço militar, mais em prisões e hospícios que outra coisa, porque guerra não era com ele. A guerra a sério já andava por Angola mas ainda não chegara a Moçambique, viria em meados da década de sessenta, já Dinis Gonçalves começava a ser Sebastião Alba e decididamente homem de letras, trabalhando na Imprensa e ganhando nome no fervente mundo da literatura luso-moçambicana. Defensor da liberdade dos povos, ficou naturalmente em Moçambique depois de 1975, tentando integrar-se naquela vida nova, mas depressa concluindo que não era bem aquilo que esperava da nova política governante. Aguentou até 1981, altura em que regressou a Portugal. E será por Braga, depois de curtas paragens em Lisboa onde deixou mulher e duas filhas, e também em Torre Dona Chama onde tinha a casa do pai, que se iniciarão os últimos quase vinte anos da sua vida de poeta rebelde e vagabundo. É essa imagem que o mundo viria a conhecer, sem saber que Sebastião Alba continuava artista dos pés à cabeça, vinte e quatro horas por dia, mas que tinha feito uma opção radical contra a sociedade burguesa, ruptura total que o levaria, como ele próprio reconheceria, “longe demais dentro de mim”. Era um caminho sem retorno.

Ele podia muito bem ter feito como tantos revolucionários do seu tempo,

todos, quando verificaram que alguém tinha matado as suas utopias, adaptar-se às circunstâncias, que diabo, a gente tem que viver. Recordo, por exemplo, o grande José Mário Branco, revolucionário também e filho de professor primário, que depois do grito pungente lançado no “FMI” do seu disco “Ser Solid(t)ário”, caiu lentamente na realidade que não desejara, trabalhou honestamente, viveu da sua música, a coerência possível, quem o poderá criticar. Sebastião Alba resistiu e, mesmo lutando contra o demónio que era ele, mesmo confessando às suas queridas filhas que era “um cão danado”, mesmo reconhecendo-se “associal, amoral, atudo”, seguiu o caminho mais duro. O intratável Dinis, figura andrajosa e em breve alcoólico irredimível, levava dentro o possivelmente amado Alba de Albano e sua riquíssima bagagem de poeta, de ilustrado amante da música clássica e, suprema ironia, de esclarecido amante da vida, sabendo no entanto os dois que a morte rondava, “o meu horizonte move-se rapidamente em direcção a mim; qualquer dia é um pequeno círculo que me cinge os pés, atando-os, e cairei”. Caiu de noite, não se sabe bem em que circunstâncias, e os jornais dariam primeiro a notícia da morte de um andrajoso sem-abrigo, só mais tarde se saberia que tinha morrido um poeta. Sim, são basicamente duas as imagens que circulam de Dinis Albano Carneiro Gonçalves, o poeta de mérito Sebastião Alba. Uma de decente, jovem e apumada figura, outra de clamorosa marginalidade social. Prefiro esta porque traz mais nítido o selo da poesia e mais gritante a marca da contingência humana.

UNIASES - CGD - BARCELINHOS

MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA:

A.CARVALHEIRA-UNIASES
APARTADO 1098
4710-908 BRAGA

CONTACTOS

ASES@PORTUGALMAIL.PT

PRESIDENTE:

969 690 551 / 214 445 827
ALBERTO.R.MELO@NETCABO.PT

TESOUREIRO:

919 441 970 / 253 951 257
CUNHAPINTOBRAGA@SAPO.PT

IBAN PT50 0035 2008 0003 8874 930 35
CONTA Nº 2008 038874 930

Simplifique a sua participação para as Quotas - Fundo de Solidariedade - Bolsas - Jornal...
No Descritivo escreva nome completo ou Às n.º _____